



Moradores de rua e realidade social contemporânea: subsídios para intervenções no município de Taubaté/SP

Carlos Alberto Máximo Pimenta¹
Cláudia Lúcia da Silva²

Resumo

Este trabalho versa sobre o tema “moradores de rua e realidade social contemporânea”, com o objetivo de apreender a relação que essas pessoas travam, dentro do espaço urbano, com a sociedade em tempos de “incertezas”. A pesquisa de campo desenvolveu-se na Taubaté, Vale do Paraíba paulista, com moradores de rua da zona central da cidade, escolhidos pelos critérios de acessibilidade e de ter estabelecido moradia na rua. Ressalta-se que as falas produzidas pelos moradores de rua são dotadas de sentidos e, sobrepostas pelo critério da igualdade e das repetições de termos, indicam que esses “sujeitos” têm a exata noção do que fazem e do porque estão morando na rua, bem como expressam que a rua passou a ser um importante lugar de sociabilidades.

Palavras-chave: moradores de rua; realidade social contemporânea; desenvolvimento regional urbano.

Recebimento: 03/12/2009 • Aceite: 18/12/2009

¹ Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP; professor e pesquisador no Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão (GEPE-Humanas), vinculado ao Instituto de Engenharia de Produção e Gestão (IEPG) da Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI). End: Caixa Postal: 50 - CEP: 37500 903 - Itajubá - MG, Brasil. E-mail: carlosalbertopimenta@gmail.com

² Graduada em Serviço Social pela Universidade de Taubaté - UNITAU; coordenadora da Associação Amigos do Projeto Guri Pólo Distrito Moreira César; Assistente Social do SOS Mulher Família de Taubaté; e, Representante-Base da Sub-Cofi do Conselho Regional de Serviço Social, 9º Região Seccional São José dos Campos/SP. E-mail: claulusi@yahoo.com.br

Residents of street and social contemporary reality: subsidies for operations in Taubaté/SP

Abstract

This work is about the subject “residents of street and social contemporary reality”, with the objective to apprehend the relation what these persons lock, inside the urbane space, with the society in times of "uncertainties". The field work developed in the Taubaté, Vale do Paraíba Paulista, with residents of street of the central zone of the city, chosen by the criteria of accessibility and of having established dwelling in the street. It emphasizes that the words produced by the residents of street are endowed of senses and, put on top by the criterion of the equality and of the repetitions of terms, they indicate that these "subjects" have the right notion from what they do and from because they are grasping the street, as well as they express that the street started to be an important place of sociability.

Keywords: residents of street; social contemporary reality; regional urbane development.

Introdução

Este artigo versa sobre a visão que os moradores de rua têm sobre a realidade social contemporânea, com o objetivo de apreender a relação que essas pessoas travam, dentro do espaço urbano, com a sociedade em tempos de “incertezas”.

O conceito de incerteza aqui utilizado circunscreve-se as tendências de contraposição com a lógica da modernidade ou de esgotamento desse espaço-tempo e suas conseqüências (Zygmunt Bauman, 2001; Marc Auge, 1994; David Harvey, 1993).

Vê-se, na contemporaneidade, a ocorrência de aumento significativo de “tecnologias” (econômicas, políticas, industriais, socioculturais, subjetivas, simbólicas) e, em contrapartida, uma acentuada reiteração das promessas de acesso rápido aos bens e aos benefícios disponíveis na contemporaneidade, em dimensões individuais e coletivas, minimizando no campo das lutas políticas a existência de forças ou de poderes estabelecidos no próprio processo histórico.

Na consonância com essas tendências, instaura-se uma sociedade “informada” ou “informatizada”, em constante comunicação em rede, mas dispersa ou virtualmente ligada e desconectada com o lugar e com o coletivo.

Dentro desse contexto, a rua passa a ser um importante campo de investigação, em diferentes perspectivas, para identificar o movimento de mudanças das lógicas produzidas nos tempos da modernidade e, pode-se dizer que, ocorre um movimento crescente nas ruas de pessoas que estabelecem o caminho inverso, possivelmente em face de utilização da rua como espaço privado de moradia³.

Na atual sociedade, em escala mundial, vive-se uma exacerbação da cultura do individualismo, o que, de certo modo, vem ressignificando o ideário moderno, a ordem jurídica e os modos de ação coletiva. Conseqüentemente, há uma mudança de entendimento do que venha a ser condição humana e de direitos.

A proposta estrutura-se em três eixos: o primeiro de caráter metodológico, explicitando como a pesquisa foi realizada; o segundo evidencia os recortes e os aspectos teóricos privilegiados para tratar à temática; e, por fim, numa tentativa de vincular a teoria com os dados coletados, buscou-se analisar como os moradores de rua enxergam a sua realidade social.

³ Aqui, entende-se a rua como “espaço privado” no sentido em que a rua se transformou em local de moradia, tal qual a casa. Ao invés da casa é a rua que se torna num asilo à pessoa.

Cabe deixar consignado que este esforço é resultado do projeto de pesquisa “Moradores de Rua, Políticas Sociais e Direitos: encruzilhadas na supermodernidade”, financiado pela FAPESP – Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo (2008), quando se tentou desvelar o modo de vida dos moradores de rua e suas estratégias para dar conta da realidade em que vivem.

Moradores de Rua: aspectos metodológicos da pesquisa

A pesquisa de campo foi desenvolvida na cidade de Taubaté, Vale do Paraíba paulista, com moradores de rua da zona central da cidade, escolhidos pelos critérios de acessibilidade e por ter estabelecido moradia na rua.

Houve, enquanto critério de leitura dos dados obtidos em campo, uma sobreposição das igualdades e das repetições de termos, com a pretensão de se identificar, a partir dos sujeitos pesquisados, a noção que tinham de suas condições de morar na rua e qual significado atribuía ao espaço da rua.

Entende-se relevante esse trajeto, uma vez que se permite apreender as contradições de nosso tempo, principalmente quando se dá voz e vida à visão das pessoas em condição de rua, ou seja: daqueles que vivem na rua.

Dentro da proposta sugerida, a predisposição do método a ser utilizado é, pela perspectiva da cultura urbana, estabelecer um diálogo de fronteiras entre a Sociologia e a Antropologia, inserindo preocupações de intervenção no campo das práticas de Serviço Social.

Trata-se de inserção, por intermédio do instrumento da observação etnográfica, ao modo de vida das pessoas, tidas como “moradoras de rua” e, posteriormente, na medida em que este envolvimento ganhe maior intimidade, coletar relatos (entrevistas abertas), analisando-os em contextos teórico-metodológicos da sociologia, com certa dialeticidade, que possam auxiliar na identificação das contradições de nosso tempo.

O termo dialeticidade é cunhado para a realização desse exercício de se pensar a rua para além das categorias Capital versus Trabalho ou de resultantes de seus efeitos. Contudo, não se perder de horizonte a centralidade do trabalho na lógica da realidade contemporânea. Aqui, se aceita o papel do capitalismo junto ao

processo de precarização⁴ da vida de determinados setores da sociedade, mas não se circunscreve a posição de Maria Lucia Lopes da Silva (2009, p. 29) que entende que “[...], a pobreza é imanente à ordem capitalista e só será eliminada com a superação dessa estrutura social”. Por outro lado reconhece na mesma linha de argumento desta autora, em face das observações e dados coletados, que a população em situação de rua, mesmo que não tenha origem nas camadas pobres, se traduz em um grupo

[...] populacional heterogêneo, mas que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, em função do que as pessoas que o constituem procuram os logradouros públicos [...] e as áreas degradadas [...] como espaço de moradia e sustento, por contingência temporária ou de forma permanente, podendo utilizar albergues para pernoitarem, abrigos, casas de acolhida temporária ou moradias provisórias, no curso da construção de saídas das ruas (SILVA, 2009, p. 29).

A proposta para não se fechar sobre os efeitos da relação capital versus trabalho é a de dar voz e vida as falas dos sujeitos que fizeram moradia na rua. Portanto, a investigação é qualitativa, valorizada por observações de campo, entrevistas abertas e registros etnográficos, realizando descrições densas, não sem análise.

Essas estratégias evidenciaram a visão de mundo e as sensibilidades presentes na relação entre pesquisado e pesquisador, estes na percepção das dimensões *objetivas* (localização espacial, estilo de vida, contrastes culturais e econômicos, entre outras percepções possíveis) e *subjetivas* (símbolos e códigos sociais, preconceitos, constituição ideológica das novas relações urbanas, entre outras possibilidades) para se compor um quadro de questões socioculturais relacionadas (ou comparativas) com a atual lógica urbana e as sensibilidades do sujeito da pesquisa.

As observações respeitaram a contextualização de cada tempo e espaço urbano identificado, da particularidade à totalidade, do micro

⁴ O termo “Precarização” é uma categoria utilizada no campo das Ciências Sociais e Ciências Sociais Aplicadas para fazer referência às conseqüências das desigualdades socioculturais e econômicas, resultantes da atual lógica do capitalismo tecnológico e de consumo.

ao macro, sem perder de referência o processo histórico e a existência de conflitos.

Outra convicção necessária, de partida, foi a de que essa contextualização envolve-se de interditos objetivos (leis, normas, regras), mas também é composta por elementos subjetivos (poderes simbólicos, características e memórias regionais, dentre outros), resultantes do próprio processo sociocultural humano específico da cidade em que os moradores vivem. No caso, Taubaté é o lócus da proposta.

Antes de qualquer atividade de captação de dados, optou-se por ampliar o convívio com os moradores de rua em seus respectivos ambientes de moradia. As entrevistas só ocorreram depois de certo tempo de incursão ao campo, com a pretensão, exclusiva, de angariar a confiança do morador de rua.

No aprofundamento do modo de vida das pessoas e, posteriormente, na medida em que este envolvimento ganhou maior intimidade, é que se coletaram os relatos. Segundo Prates, Reis e Abreu (2000, p. 139):

[...] para investigar a realidade de pessoas que se encontram em situação de rua, é necessário antes de mais nada admiti-los como sujeitos que refletem no seu cotidiano a contradição de uma sociedade de classes orientada a partir de um modo de produção que traz, como movimento interno constitutivo, a acumulação de capital com base na exploração [...].

O capital neste trabalho, diferente do qual falam Prates, Reis e Abreu, é referenciado pelo pensamento de Pierre Bourdieu (1998) quando permite expressar o termo capital como sendo um conjunto de símbolos para trocas que vão desde o capital econômico, passa pelo capital cultural e social até a incorporação de diferentes aspectos estruturantes, aos quais deu o nome de “imposição de arbitrários culturais”: capital simbólico. É nessa troca que o morador de rua reflete sobre sua prática e vida cotidiana. Aqui não se nega a posição das autoras supramencionadas, mas se amplia o escopo de análise.

A recorrência da proposta visa capturar no jogo do macro (contexto político, econômico e sociocultural de determinado tempo) para o micro (objeto específico de pesquisa: cotidiano, memória local, entre outros) as contradições da realidade social, explicitando as ambigüidades a partir das experiências dos sujeitos pesquisados, em

face das fragmentações, inseguranças, fluidez e instabilidades, características das atuais relações sociais.

Para capturar esse movimento, após exaustivo contato com entidades assistenciais e moradores em situação de rua, estratégia para angariar confiabilidade entre os sujeitos da pesquisa, bem como observações de campo, é que se formulou o universo de cinco questões, as que mais se aproximavam do objetivo proposto para realizar-se uma abordagem direta com o sujeito. Eles não tiram caráter inquisitivo ou direcionamentos de respostas, uma vez que se tratou de uma conversa em que a voz do sujeito era mais importante e significativa do que as inquietações dos pesquisadores.

Cabe salientar que a pesquisa teve seu início no ano de 2007, por meio da visita ao Centro de Controle de Migração de Taubaté - CECOMI, instituição responsável pela assistência de boa parte da população de rua do município e da região do Vale do Paraíba. Lá ocorreu o primeiro contato com o objeto e os pesquisados.

Nas visitas às instituições “cuidadoras” dos moradores de rua: CECOMI, mais conhecido pela população como o Albergue de Taubaté; Toca de Assis – Instituto de Vida Consagrada Filhos da Pobreza do Santíssimo Sacramento; Casa Madre Teresa de Calcutá; e, Casa João Paulo II – Missão Sede Santos!, todas sediadas na cidade de Taubaté, passou-se a observá-las, apreendendo os aspectos relevantes na visita, tais como: a) a estrutura física do local; b) o atendimento prestado pela instituição. No caso desta observação não se teve o intuito de avaliar suas ações, mas de identificar o modo com o qual relacionam com os sujeitos da pesquisa: os moradores de rua.

Aqui, a referência é em Minayo (2004a; 2004b), pois a partir dela entende-se metodologia como sendo um caminho e um instrumento próprios para se conhecer a realidade. Realidade que nos é apresentada com grande complexidade, em especial a condição do “processo de rualização” (FARIAS, 2007). Para Minayo (2004b, p. 22): “A metodologia ocupa lugar central no interior das teorias sociais, pois ela faz parte intrínseca da visão social de mundo veiculada na teoria. Em face da dialética, por exemplo, o método é o próprio processo de desenvolvimento das coisas (...)”.

Portanto, entender a realidade social das pessoas em situação de rua impõe uma opção ao método. Essa opção, reajustada para além do binômio capital versus trabalho, é a base para a compreensão dessa experiência e para a apreensão das contradições presentes na contemporaneidade. Delas, pensar políticas sociais de intervenção.

A visão que os moradores de rua têm das questões que os cercam, tais como suas referências sobre rua, cidade, mundo, economia, política, social e cultura, é a centralidade da proposta. Implica em levantamento de situações objetivas, como por exemplo, transformar o espaço público em privado como forma de moradia e sobrevivência, associadas às expressões da subjetividade dos sujeitos, como por exemplo, as suas visões de homem e de mundo. Essas podem ser identificadas a partir de uma abordagem que contemple os dados qualitativos. Conforme Minayo (2004a, p. 21-22) a pesquisa qualitativa:

(...) se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, (...) das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Esta perspectiva, com a qual se corrobora, permite a valorização da subjetividade do homem, em sua relação social e interior e o seu reconhecimento como ser histórico. Estas são as referências de uma pesquisa qualitativa. Parte-se desse pressuposto para indicar que as reflexões sobre o cotidiano da rua são necessárias para procurar conhecer uma realidade que não pode ser quantificada. Na visão desses moradores se registra os valores, crenças, hábitos, atitudes, representações, opiniões, a fim de apreender os fenômenos caracterizados como complexos e os processos pelos quais as pessoas são envolvidas no cotidiano. As sugestões de Minayo (2004a) ganham atenção especial na pesquisa, quando faz referência às observações de campo e às anotações do não visível ou dos sinais que se julga dentro da regra ou normal.

Constatou-se, embora a categoria idade não fosse preocupação de escolhas ou recorte, que a idade média dos moradores de rua no município, em maioria, concentrava-se na faixa etária entre 35-45 anos e 60-70⁵. Portanto, as entrevistas foram realizadas nos meses de julho, agosto e setembro de 2008⁶ com 4 moradores da faixa etária de 35-45 anos e 2 entre 60-70 anos.

⁵ Não implica que não tenha menores, jovens e outros agrupamentos de pessoas em situação de rua na cidade de Taubaté. Ao contrário, implica, apenas, explicitar que na região estudada esse era o universo de pessoas que lá estavam.

⁶ Embora as entrevistas tenham ocorridas nesse período, esta pesquisa (formatação teórica e aproximação com a rua e instituições) teve início em fevereiro de 2007, sendo certo que as entrevistas foram realizadas no momento em que os pesquisadores já tinham certo

Esse esforço visava capturar o conjunto das falas dos moradores de rua, o qual entendeu ser suficiente o número de 6 (seis) entrevistados. Em campo, as entrevistas foram realizadas em caráter aberto com pessoas que vivenciam a situação de rua, conforme mencionado anteriormente. Permitiram-se a inclusão de elucidações no decorrer da entrevista por meio desse diálogo proposto, sem perder de horizonte as aproximações com os objetivos da pesquisa.

As entrevistas foram gravadas em K7, transcritas e as respostas sobrepostas com a expectativa de extração de possíveis categorias de análise. Dispôs-se, ainda, do diário de campo para registrar as observações, impressões, reflexões e a descrição do processo investigativo, tudo para facilitar uma melhor entrada com as pessoas em situação de rua.

A Toca de Assis e Os Samaritanos foram as instituições que contribuíram na aproximação entre pesquisadores e moradores de rua, bem como a Quadra do Esporte Clube XV de Novembro no Largo do Chafariz, região central, e a Praça da Monção no bairro Monção, este nas proximidades do Terminal Rodoviário, também central da cidade.

Moradores de Rua: sujeitos e experiências

Segundo Martinelli (1999, p. 22), “(...) cada pesquisa é única, pois se o sujeito é singular, conhecê-lo significa ouvi-lo, escutá-lo, permitir-lhe que se revele. E onde o sujeito se revela? No discurso e na ação”. Pensou-se na importância de breve descrição da vida dos sujeitos entrevistados no que se refere às suas trajetórias em situação de rua. A heterogeneidade da experiência com a rua dessas pessoas foi fundamental para a diversidade dos relatos por elas fornecidos nas entrevistas. Ressalta-se que as entrevistas foram realizadas apenas uma vez com cada sujeito, devido à mobilidade dos moradores de rua.

Marcelo H.⁷ foi o primeiro sujeito a participar da pesquisa. A aproximação ocorreu em julho de 2008 no Os Samaritanos de Jesus⁸.

mapeamento das pessoas que vivem em situação de rua e a possibilidade de aproximação segura com os entrevistados e as instituições “cuidadoras”.

⁷ Em que pese esse projeto ter sido submetido ao Comitê de Ética da UNITAU e, após um longo convívio e aproximações com os sujeitos pesquisados, deixa-se de explicitar o nome completo dos entrevistados para somente declinar o primeiro nome e a inicial do segundo, por questões éticas. Todos os demais relatos seguiram essa dinâmica e preocupação.

⁸ Organização espírita que atua na cidade de Taubaté desde 1996. Tem como atividades: fornecer alimentos às pessoas “carentes”, realizar atendimento espiritual individual, educação mediúnica, explanação do Evangelho, estudo do Livro dos Espíritos, curso de crochê e

Marcelo frequenta Os Samaritanos todas as sextas-feiras, na parte da manhã, para tomar o café da manhã e receber doação de alimentos e materiais de higiene. Por três vezes manteve-se contato e em uma dessas oportunidades, o convite para a participação na pesquisa foi aceito prontamente.

Marcelo H. tem 35 anos, “ex-presidiário”, e está há 4 anos na rua. Residia com a família na cidade de Taubaté, devido o seu envolvimento com o uso e tráfico de drogas as relações familiares ficaram muito difíceis, os conflitos fizeram com que os seus pais se separassem, a culpa caiu sobre Marcelo, que afirma ter mesmo “culpa” na separação dos pais. Em consequência do uso de drogas Marcelo foi preso e, atualmente, cumpre medida em regime aberto (prestação de serviço à comunidade).

Heitor S., 68 anos, concedeu entrevista quando estava sentado no banco de uma praça do bairro Monção em Taubaté. Nessa praça, havia, na ocasião, oito homens reunidos, mas apenas Heitor se identificou como morador de rua os demais disseram estar ali somente para “conversar” e tomar “cachaça” porque estão “desempregados”.

Heitor S. pouco falou sobre sua família e sobre os motivos que os levaram a situação de rua. Não soube dizer ao certo quanto tempo está na rua. Disse ter que trabalhar muito, ir para outros Estados como São Paulo e Rio de Janeiro, para poder criar seus filhos. Utiliza a expressão “me dei bem” ao se referir que embora esteja em situação de rua conseguiu tratar e cuidar dos filhos que não têm “problema” de rua. Embora Heitor não estivesse alcoolizado, no decorrer da entrevista, em certos momentos, parecia fugir da realidade. Esteve, segundo relata, 16 anos internado devido ao uso excessivo de álcool. Não se pode afirmar, mas provavelmente, Heitor perdeu os vínculos familiares, e não possui contato com parentes e amigos próximos.

Cláudio R., 35 anos, participou quando estava na Quadra do Esporte Clube XV de Novembro⁹ em Taubaté. Nessa quadra, todas as terças-feiras, a vice-presidente do Clube Sra. Tuca, juntamente com uns amigos, distribuem sopa aos moradores de rua. A sopa é feita no próprio clube pela Sra. Tuca. É colocada uma mesa grande com várias cadeiras no centro da quadra, na qual é distribuída a sopa aos moradores de rua, que também assistem TV enquanto comem. Como

arrecadar alimentos na comunidade. As atividades são destinadas às crianças, aos adolescentes, aos adultos e aos idosos, de 2ª a sábado das 7h às 20 h.

⁹ Nessa quadra são realizadas as reuniões da equipe de futebol e os ensaios da escola de samba Chafariz. Nos últimos cinco meses vem sendo utilizada por um grupo de voluntários para distribuição de sopa aos moradores de rua todas as terças-feiras.

elemento de aproximação e formulação de vínculos entre pesquisadores e pesquisados foi necessidade o sentar-se à mesa junto com os moradores de rua e comer junto a eles, de modo informal.

Cláudio R. está na rua há 6 anos, durante a entrevista não quis falar sobre a família (pais, irmãos) mudou de assunto em todos os momentos, mas falou sobre as dificuldades encontradas na rua, sobre sua revolta em relação à atuação da polícia militar e o amor pela sua filha. Durante a entrevista, Cláudio afirmou várias vezes ter “depressão” e ser esse o motivo da sua ida para a rua. Sente muito a falta da filha que está com sua esposa, elas moram “de favor” na casa dos avós maternos. Em vários momentos da entrevista Cláudio se emocionou muito, principalmente quando falava da filha. Cláudio é catador de materiais recicláveis, procura um trabalho “registrado”, pois entende que só assim poderá alugar uma casa para trazer sua filha e sua esposa para perto.

Jorge R., 39 anos, concedeu entrevista na Quadra do Esporte Clube XV de Novembro em Taubaté. Foi objetivo em suas manifestações e manteve a cabeça baixa durante quase toda a entrevista, mas estava atento e prestava atenção em tudo o que Cláudio dizia, fazendo sinal com a cabeça que concordava. Diz estar na rua há 12 anos devido à “descontrole” da família, pois, após a morte dos pais, os conflitos com os irmãos aumentaram, não dava mais para viver todos na mesma casa, decidiu sair andando pelas ruas sem destino. De Guaratinguetá passou por todas as cidades até chegar a Taubaté. No início, relata Jorge, sua família o procurava, agora sabem que ele fica na rua e que às vezes aparece na casa dos irmãos para visitá-los, fica dois dias e volta para a rua novamente. Para sobreviver, Jorge relata que trabalha de chapa, puxa carroça, carrega entulho, mas tem dia que não consegue nada, nem para tomar café.

Luciano J. foi entrevistado na Toca de Assis¹⁰ em agosto de 2008. Luciano, 44 anos, está na rua há 24 anos. Foi criado pela avó materna e desde 1984 com o falecimento da avó está morando na rua. Diz ter, desde a juventude, “problemas” com o álcool, mas depois do falecimento da avó ficava bêbado todos os dias, envolvido com más companhias. Luciano está com a saúde debilitada, precisa fazer

¹⁰ A Toca de Assis realiza suas atividades em Taubaté desde 2006. Atende os moradores de rua que chegam por meio da Pastoral de Rua, atividade assim denominada pelos irmãos da Toca, que saem todas as segundas-feiras à noite para resgatar as pessoas que estão na rua. A missão da Toca é devolver a “dignidade” dos filhos de Deus. Os irmãos fornecem alimentação, procuram a família, acompanham em atendimento médico hospitalar e levam a palavra de Deus por meio de leituras diárias do Evangelho.

cirurgia e aguarda na fila de espera, toma medicamentos e espera nunca mais voltar a beber. Deseja conseguir um trabalho para poder ajudar quem não tem condições de sobreviver.

Jorge F., 65 anos, foi entrevistado na Toca de Assis, no mesmo dia da entrevista realizada com Luciano. Jorge é natural de São Paulo, seus pais do Japão, eles migraram para o Brasil em 1940. Sua família, filhos e netos estão em Mato Grosso. Jorge é divorciado e diz realizar a peregrinação há aproximadamente 10 anos. Diz ter saído de casa por “livre espontânea vontade”, mantém contato com a família por telefone a qual solicita que volte para junto deles, mas Jorge não sabe quando vai voltar, pois a sua sensação de “liberdade” é caminhar, conhecer os lugares, as pessoas, não ter lugar “fixo” para viver, isso lhe dá uma “sensação gostosa”. Jorge possui curso superior em ciências contábeis, é aposentado. O pesquisado conhece vários Estados, cidades e adora “andar”, diz ter puxado o avô que morava no Japão.

O contato com os entrevistados e a apresentação descrita acima permite, enquanto estratégias de pesquisa, dar movimento aos dados coletados e expõe a sensibilidade do pesquisador para intensificar a observação, a apreensão do não dito, das vozes e das expressões corporais dos sujeitos.

Essas estratégias se somam a outro dado de relevância é que o abandono em que vive os moradores de rua. O abandono contribui para a riqueza de práticas alternativas, de “táticas” de sobrevivência¹¹ e também de formas de repressão e estigmatização por que passam, as quais o pesquisador deve estar atento.

A análise dos relatos concedidos pelas entrevistas leva-se em consideração as posições e visões de mundo dos moradores de rua. Pretendeu-se realizar uma reflexão sobre as condições de produção e apreensão de significação das visões de mundo desses sujeitos e apropriando-se das sugestões de Minayo (2004b, p. 211), o processo de reflexão sobre as visões dos moradores de rua, da perspectiva desta autora, possibilita “compreender o modo de produção social do sentido”.

Sabe-se que a linguagem dos grupos, da sociedade, é social e histórica. Toda linguagem contém ideologia. O discurso é determinado por condições de produção e por um sistema lingüístico, o que não é diferente no caso dos moradores de rua. Por essa localização se pode

¹¹ Os termos “táticas” e “estratégias” foram extraídos de Michel de Certeau (1994), os abordam-se adiante neste texto.

entender todo o espaço, a contextualização, se considerado a história, as questões sociais, econômicas e culturais.

Equivale dizer que as falas produzidas pelos moradores de rua dotam-se de sentidos e esses sentidos devem ser entendidos, ou sobrepostos pelo critério da igualdade de termos e das repetições, o que requer a atenção do pesquisador para identificar o contexto das falas e seus significados.

De posse do conteúdo do material coletado em campo, elaborou-se, como perspectiva para adensar a análise, um conjunto de categorias. As categorias levantadas das vozes dos sujeitos, como elementos que auxiliam a explicar o fenômeno em seus movimentos na realidade, permitem dar vida para uma infinidade de anônimos e invisíveis nas ruas das cidades.

Moradores de Rua: escolhas teóricas

A abordagem consistiu, também, em escolhas teóricas e reflexões de autores contemporâneos que colocassem em pauta as dimensões do social como conseqüências dos efeitos dos novos tempos tecnológicos e informacionais. Aqui se incorpora inúmeras sugestões, tais como Marc Augé (1994), no texto "*Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*", para promover o entendimento do que ele chamou de: "supermodernidade", sem perder de horizonte questões levantadas por Alain Touraine (2002), em "*Crítica da modernidade*", por Zygmunt Bauman (1999; 2001), no que diz respeito à *liquidez da modernidade*, e por Pierre Bourdieu (2003), quando este esforço de pesquisa pensa a rua ou as práticas dos moradores que nela vivem como um "*estilo de vida*".

Por outro lado, propõe-se uma aproximação das transformações do mundo contemporâneo com as "*Políticas Públicas*" e o papel "*social*" do Estado, nas contribuições de Maria do Carmo Brant Falcão (1989), de Eloisa de Mattos Höfling (2001) e de Alejandra Pastorini (2007). Estes são trabalhos significativos para relacionar as trajetórias do Estado, em termos de direitos e políticas sociais, como elementos centrais no modo de abordagem prático e teórico deste trabalho.

A questão da "*consciência*", em diversas frentes sociológicas de interpretação, é apreendida de Carlos Alberto Máximo Pimenta (2004), bem como o questionamento da *vida experimentada pela população de rua*, com base nas sugestões de Maria Antonieta da Costa Vieira; Eneida Maria Ramos Bezerra; Cleisa Moreno Meffei Rosa (Orgs., 1994).

Consistiu, também, como proposta argumentativa a leitura de textos que permitisse uma melhor localização do que venha a ser *contemporaneidade*, tais como Antony Giddens (1991) que trouxe à tona questões relacionadas à supermodernidade, principalmente no que se refere à noção de tempo-espaço. Isto é, segundo Giddens (1991), a concepção do encurtamento das distâncias e do tempo em decorrência das novas tecnologias.

Esse ponto é de extrema relevância, pois contribui para identificar e absorver, do ponto de vista do morador de rua, a sua concepção de tempo-espaço. Dentro desse universo de possibilidades, a leitura de Alain Touraine (2002) permite focar na questão do indivíduo e seu respectivo abandono pela sociedade pós-moderna.

Aproximar a questão do morador de rua, do espaço da rua e das relações promovidas entre moradores e rua das perspectivas teóricas de Giddens e Touraine, no que tange ao contexto de uma provável destruição ou ruptura dos laços, dos sentimentos e das crenças chamadas de tradicionais ganha sentido e relevância para verificar o conjunto das vozes dos entrevistados.

Nos apontamentos de Ulrich Beck (1999), quando sugere respostas à globalização, pode-se apreender com maior precisão a questão atual da tensão capital versus trabalho, relação essa que provoca mudanças significativas na sociedade. O que era certo e determinado passa a ser incerto.

Tal quadro quando cotejado com a questão da rua é validado pelos escritos de Lúcio Kowarick (2000) que também se faz importante para se entender as dimensões da experiência urbana, no que diz respeito ao cotidiano dos moradores de rua.

A partir dessas orientações aprofundou-se na análise de textos de especialistas na temática do morador de rua¹² como Ricardo Mendes Mattos (2006), "*Situação de rua e modernidade: a saída das ruas como processo de criação de novas formas de vida na atualidade*", que discute o conceito de pessoas em situação de rua e elabora uma divisão dessa população em alguns grupos característicos que compõe sua heterogeneidade: os mendigos, os moradores de rua, albergados,

¹² A leitura da Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua, realizada pelo Meta Instituto de Pesquisa de Opinião, pela Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação e pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome (MDS), no período de agosto de 2007 a março de 2008, inclui-se o Relatório do I Encontro Nacional sobre População em Situação de Rua, realizado pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome (MDS), pela Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação e pela Secretaria Nacional de Assistência Social, em 2006, também se faz relevante para focar as pretensões de qualquer pesquisa sobre moradores de rua.

catadores de materiais recicláveis, trecheiros, andarilhos e loucos de rua, trazendo uma contribuição significativa para a reflexão das observações realizadas em campo. A leitura de Vera Farias (2007), “*Possibilidades de inserção/reinserção produtiva dos moradores de rua do município de Porto Alegre*”, apontou a existência de políticas públicas/sociais paliativas e focalizadas destinadas as pessoas em situação de rua, bem como os processos de exclusão a que estão sujeitos os moradores de rua. Já Camila Giorgetti (2006), “*Moradores de rua: uma questão social?*”, desenvolve os conceitos sociológicos de marginalidade, exclusão social e desigualdade, nos quais situa o problema no debate acadêmico e discute as especificidades do tema morador de rua mostrando seu processo ao longo dos anos. Kasper (2006) encara os modos de existência dos moradores de rua como formas de vida possíveis, e não em termos de carência, remetida a uma suposta normalidade.

Esses autores, cotejados em Michel de Certeau (1994), “*A invenção do cotidiano*”, apresentam a possibilidade de capturar as estratégias e as táticas utilizadas por moradores de rua em suas experiências e permite ao pesquisador pensar com maior cautela a existência cotidiana daqueles que vivem na rua, seres desprovidos de um ‘próprio’¹³, cuja vida se desenrola por inteiro ‘dentro do campo do inimigo’. De um lado, estratégias de extermínio¹⁴ e, de outro, táticas de sobrevivência¹⁵.

Pois bem, com esses argumentos teóricos é que se permitiu a formulação da pergunta inicial da pesquisa: como os moradores de rua criam estratégias para sobreviver na rua e dá rua?

Moradores de Rua: o social e as instituições

A Rua ganha um significado relevante: vezes é lugar de morada, vezes de trabalho, de segurança, de solidariedade, de medo e

¹³ Michel de Certeau (2001, p. 99) caracteriza a existência de um ‘próprio’ como “(...) condição expressa de seu exercício: (...) toda ‘estratégia’ procura em primeiro lugar distinguir de um ‘ambiente’ um ‘próprio’, isto é, o lugar do poder e do querer próprios”.

¹⁴ Políticas públicas como forma de higienização da cidade. Como, por exemplo, a atividade de fornecer passagem ao morador de rua para se deslocar para outra cidade ou retorno a terra natal.

¹⁵ A utilização dos espaços públicos como privado, ou seja, a subversão do uso previsto para os lugares, os objetos e até mesmo as instituições por onde passam as pessoas em situação de rua.

de violência¹⁶. Esse significado precisa ser observado durante o dia e a noite.

Percebeu-se que durante o dia os moradores de rua estavam envolvidos com atividades laborais, como por exemplo, catar material reciclável e guardar carros nas ruas, ou a procura de uma instituição para se alimentar e fazer sua higiene pessoal. À noite estavam, em sua maioria, sob o uso de álcool, em locais de pouco acesso, pouca visibilidade e pouco dispostos a darem entrevistas.

É a noite que o medo, a insegurança, a morte e a violência ganham registros. À noite, na luz da lua e das estrelas, que o uso de álcool, de droga e a ausência de espaços habitacionais de proteção fornecem ingredientes à violência¹⁷.

Dentro desse quadro de possibilidades boas e ruins, pode-se afirmar que morar na rua resulta em uma situação instável. Cada dia o morador ocupa um espaço diferente na rua, o que pode ser relacionado como estratégia para obter maior segurança.

Para os autores que discutem políticas sociais, o morar na rua é consequência visível do agravamento da questão social¹⁸, ou seja, da divisão da sociedade em classes e a aproximação desigual da riqueza socialmente gerada.

No campo jurídico denota-se a pouca atenção dispensada às pessoas que estão fora do processo produtivo, principalmente no que se refere a sua dignidade humana. Os moradores de rua estão desprovidos do padrão estabelecido legalmente de proteção social, ou seja, o mínimo necessário para sua sobrevivência. Para Pastorini (2007, p. 113), “A questão social assume, hoje, transformações vividas no mundo capitalista em seu conjunto desde os anos 80, que produz, além de um aumento da pobreza, uma desestabilização dos trabalhadores outrora estáveis e, em decorrência, uma perda dos padrões de proteção social”.

¹⁶ Este é o sentido pesquisado por Luzia Fátima Baierl (2009, p. 273-296), quando trata da relação violência e medo. Esta autora entende o espaço urbano cria marcas profundas, separando e segregando pessoas e grupos. É o caso dos moradores de rua.

¹⁷ Conforme reportagem do Jornal Estadão em 31/07/2007 “O morador de rua Daílson Pereira de Lima, de 40 anos, morreu de frio na madrugada de domingo, 29, em Taubaté, no Vale do Paraíba, vítima de uma provável hipotermia, por causa das baixas temperaturas. O corpo do andarilho foi encontrado na calçada do centro da cidade, próximo ao Mercado Municipal, no início da manhã”. Disponível em <http://www.estadao.com.br/cidades/not_cid27168,0.htm>. Acesso em 14/12/2008.

¹⁸ A questão social emergiu na primeira metade do século XIX, com o surgimento do pauperismo, na Europa Ocidental PASTORINI (2007: p. 16).

No Brasil, as políticas sociais¹⁹ têm se apresentado de maneira contraditória na perspectiva de acomodar as relações entre o Estado e a sociedade civil, o que caracteriza a pouca efetividade social e a subordinação por interesses econômicos, permitindo apenas o acesso discriminado a recursos e serviços sociais. Sendo assim Falcão (1989, p. 23) entende que:

A política social no Brasil se mantém opaca, sem visibilidade, sem identidade, sem direção clara, germinando e proliferando uma caótica rede de instituições públicas produtoras de assistência e serviços sociais, que se apresentam marginais até mesmo para seus agentes técnicos.

Apenas uma parte da população tem acesso aos avanços da tecnologia, a bons estudos, habitação com infra-estrutura, saúde e alimentação, outra parte é totalmente carente dos mínimos essenciais para sua sobrevivência. Então, fica claro que as expressões do antagonismo social, só se reproduzem, só solidificam a desigualdade social.

Embora exista o movimento de pessoas que procuram amenizar essa questão, que procuram criar estratégias para reduzir a fome, a falta de habitação, ainda não é suficiente. Existe a necessidade de ações coletivas para que as pessoas ampliem sua visão de homem e de mundo e possam interpretá-lo e assim transformá-lo. O acesso material, o acesso à escola, a condições dignas de sobrevivência são os pontos-chave para o exercício da cidadania e a tão “sonhada” democracia.

A leitura do social, por intermédio das instituições cuidadoras de moradores de rua, pode ser reveladora. Essa estratégia foi iniciada junto às instituições filantrópicas que atuam com esta população no âmbito do município de Taubaté. No caso, teve seu início nas visitas ao Centro de Controle de Migração de Taubaté, CECOMI, instituição responsável pela assistência de boa parte da população de rua do

¹⁹HÖFLING (2001: p. 30) explica que as *políticas sociais* se referem a ações que determinam o padrão de proteção social implementado pelo Estado, voltadas, em princípio, para a redistribuição dos benefícios sociais visando a diminuição das desigualdades estruturais produzidas pelo desenvolvimento socioeconômico. As políticas sociais têm suas raízes nos movimentos populares do século XIX, voltadas aos conflitos surgidos entre capital e trabalho, no desenvolvimento das primeiras revoluções industriais.

município e da região do vale do Paraíba²⁰, onde ocorreu o primeiro contato dos pesquisadores com o objeto e o sujeito de pesquisa.

Do CECOMI, mais conhecido pela população como o Albergue de Taubaté, as visitas às instituições “cuidadoras” se ampliaram à TOCA DE ASSIS, Instituto de Vida Consagrada Filhos da Pobreza do Santíssimo Sacramento, à Casa Madre Teresa de Calcutá e à Casa João Paulo II – Missão Sede Santos!, situadas na cidade de Taubaté. Nelas as observações se limitaram à estrutura física das sedes e das formas de atendimento prestado pelas instituições. O intuito da observação, em nenhum momento, privilegiou avaliações das ações dessas instituições, mas o de identificar o modo com o qual relacionam com os sujeitos da pesquisa: os moradores de rua.

Os cuidados metodológicos, as escolhas teóricas, as observações, juntamente com a aproximação aos sujeitos de pesquisa, permitiram apontar que a condição de estabelecer moradia na rua não compromete a visão de mundo dos moradores de rua, ou pelo menos não a exclui por completo; o que foi comprovado na visita ao Centro de Controle de Migração de Taubaté CECOMI e o Instituto de Vida Consagrada Filhos da Pobreza do Santíssimo Sacramento “Toca de Assis”.

Em contato com as informações disponibilizadas pelo CECOMI constatou-se que os moradores de rua atendidos possuem um nível de escolaridade razoável, tendo alguns até nível superior. Fato relevante que merece registro é que os moradores de rua querem, quando chegam na instituição, resgatar o título de eleitor. Este passa a ser um dos documentos mais requisitados por eles, visto que muitos deles fazem questão de votar, dado este que veio ser confirmado com a visita realizada na Toca de Assis, pelos responsáveis da instituição. Por meio dos dados obtidos pelos irmãos franciscanos observou-se que a maioria dos moradores de rua é portadora do título de eleitor e também faz questão de votar²¹.

A visita nas citadas instituições, localizada nas falas dos entrevistados, permitiu verificar que os moradores de rua, em sua maioria, perderam totalmente os vínculos familiares, gerado por um sentimento de perda de identidade e de referência com o seu passado.

²⁰ Os moradores de rua atendidos pelo CECOMI, que por algum motivo dentre os mais freqüentes: comprometimento com tóxicos, deficiência mental, desemprego ou a condição de ex-presidiários, são direcionados à instituição de modo voluntário, quando vem por vontade própria, ou de outra forma, quando trazidos por seus familiares, pela comunidade ou polícia.

²¹ Aqui vale uma pesquisa futura sobre a dimensão da representação e forma de participações políticas com pessoas em situação de risco ou precarização social.

Mas, por outro lado, esse movimento não exclui os vínculos tradicionais gera consciências e sensibilidades com relação à realidade em que experimenta e vive.

Essa diferenciada condição identitária e de vínculos ficou caracterizada no diálogo com o Irmão Anderson, membro de instituição cuidadora. Na oportunidade, relatou:

[...] recentemente (2 meses), faleceu um irmão que conseguimos achar a família. Ela se comprometeu a vir a Toca (nome da instituição) visitá-lo. Todos os dias, no início da tarde, ele (o morador que faleceu) tomava banho, se arrumava e ficava sentado na porta de entrada esperando a visita de um parente. [...] A família nunca apareceu. Isso fez com que o irmão se entristecesse dia após dia, fosse perdendo a alegria de viver, adoeceu e morreu, sem nunca mais tocar em seu passado. [Grifos dos autores].

A família, embora seja importante no processo de reintegração social, segundo relatos coletados em campo, perde totalmente o vínculo com a pessoa que está na rua. Essa condição reescreve as relações entre os familiares e, de em ambas as partes, pode ocorrer um apagamento das identificações e registros afetivos e laços de parentesco.

A assistente social Inês relata a mesma situação experienciada pelo Irmão Anderson ao salientar que “na maioria dos casos a família não quer nenhum contato”. A quebra de vínculo é tão significativa que, segundo o relato desta assistente social, “quando um morador de rua vem a óbito e localizamos a família, ela pede para que a instituição tome as providências com o funeral”.

Tal situação pode ser entendida como uma ausência de recursos para fazer frente ao funeral. No entanto, o que se ressalta é o isolamento em que o parente socialmente viveu ou o desejo de não se estabelecer qualquer tipo de contato, por parte dos familiares e do morador de rua. No caso, o resgate dos vínculos é possível, mas muito difícil. Segundo Inês ela só tem notícia de um caso e que a pessoa “conseguiu um emprego e voltou a estudar”.

Conclusão

Para as pessoas que trabalham com moradores de rua a família é o veículo afetivo ao possível retorno à vida social estabelecida, mas

somado a rua, a consciência de sua realidade e dos riscos que ela representa, mas não é suficiente para fomentar políticas sociais e estabelecer direitos às pessoas que da rua fazem sua moradia. Muito menos, funciona como um canal facilitador de reconstrução de trajetórias para além das ruas, faces a cobranças exercidas pela sociedade e família.

No Sistema Único de Assistência Social – SUAS, estão previstos programas estatais que contemplem o perfil dos moradores de rua. A efetivação do SUAS, pelo Governo Federal, atende à demanda de trabalhadores sociais e da sociedade civil organizada, para dar concretude ao que propõe a Lei Orgânica de Assistência Social – LOAS, ao referir ações articuladas às populações com altos níveis de vulnerabilidade social.

Entretanto, sabemos que em poucas cidades do vale do Paraíba Paulista o SUAS está implantado. Na cidade de Taubaté/SP, este sistema já foi implantado, mas devido ser relativamente novo, meados de 2007, ainda não foram complementados pela institucionalização dos Centros de Referência de Assistência Social – CRAS, e de Referência Especializado da Assistência Social – CREAS, no município. Os poucos projetos e ações existentes não trabalham em rede e não realizam parcerias, são pensados isoladamente. As poucas ações realizadas junto aos moradores de rua são paliativas, emergenciais e higienistas.

Em tempos de fragmentações, inseguranças, fluidez e instabilidades, a modernidade (Zygmunt BAUMAN, 2001) passa a ser portadora de uma fugacidade das atuais experiências sociais e coloca as seguranças materiais creditadas pela idéia de modernidade (família, trabalho, direito e formação) em condições de liquidez. Para BAUMAN (2001), com a quebra das garantias tudo ficou fluído, volátil e instantâneo. Talvez, esse aspecto apontado e sugerido por ele permita o entendimento da atualidade, da dimensão da consciência e dos sentimentos que o morador de rua tem da sua experiência da rua.

As relações sociais processam transformações radicais e profundas que, cada vez mais, inscrevem pessoas, grupos e espaços a situação de risco ou de precarização, sujeitos a todo tido de sorte e, sobre o morador de rua cabe acrescentar que, como ser fora das normalidades estabelecidas pela da sociedade, tem pouca repercussão no campo social e jurídico. Portanto, requer maior atenção dos agentes públicos e da Sociedade Civil quanto para esta questão social.

Falar sobre morador de rua implica reconhecer uma predominância masculina, em que os sujeitos apresentam como características comuns histórias de sucessivas perdas, nas quais se

incluem: o trabalho, a casa, a família e a própria auto-estima. Portanto, falar sobre eles implica, ainda, ampliar o olhar e qualificar a realidade social nas suas tensões entre *trabalho versus desemprego*; *lugar versus não lugar*; *relações sociais: família e rua*; *segurança versus insegurança*; *precariedade/identidade versus sensação de liberdade*.

Por fim, acreditamos que o cotidiano das ruas deva ser percebido na sua singularidade e, para isso, será preciso ressaltar a visibilidade das trajetórias que escapam à superfície do que é imediatamente visível para nós, pois a vida não deixa de ser afetada por aquilo que os olhos não vêem.

Referências

AUGÉ, Marc. **Não-Lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. 3. ed. Campinas: Papirus, 1994.

BAIERL, Luzia Fátima. Violência e Medo na Vida Cotidiana: reflexões para debate. In: Carlos Alberto Máximo Pimenta (Org.). **Antropologia Urbana**: diálogos com Márcia Regina da Costa. Porto Alegre, Armagém Digital, 2009, p. 273-296.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização**: as conseqüências humanas. Tradução: Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BECK, Ulrich. **O que é Globalização?** Equívocos do Globalismo, respostas à globalização. São Paulo, Paz e Terra, 1999.

BORDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1998.

BOURDIEU, Pierre. Gostos de Classe e Estilos de Vida. In: ORTIZ, Renato (Org.). **A Sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Editora Olho D'água, 2003.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis/RJ: Vozes, 1994.

FALCÃO, Maria do Carmo Brant. A Seguridade na Travessia do Estado Assistencial Brasileiro. In: SPOSATI, Aldaíza. **Os Direitos (dos desassistidos) Sociais**. São Paulo: Cortez, 1989.

FARIAS, Vera Celina Candido de. **Possibilidades de inserção/reinserção produtiva dos moradores de rua do município de**

Porto Alegre. 2007. 139 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

GIDDENS, Anthony. **As Conseqüências da Modernidade.** São Paulo, Editora da UNESP, 1991.

GIORGETTI, Camila. **Moradores de rua: uma questão social?** São Paulo: FAPESP; EDUC, 2006.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna.** São Paulo, Editora Loyola, 1993.

HÖFLING, Eloísa de Mattos. Estado e Políticas (Públicas) Sociais. **Cadernos CEDES**, ano XXI, n. 55, nov. 2001, p. 30-41.

KASPER, Christian Pierre. **Habitar a rua.** 2006. 221 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

KOWARICK, Lúcio. **Escritos Urbanos.** São Paulo, Editora 34, 2000.

MARTINELLI, Maria Lúcia (Org.). **Pesquisa qualitativa: um instigante desafio.** São Paulo: Veras, 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 23. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004a.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2004b, p. 211-218.

MATTOS, Ricardo Mendes. **Situação de rua e modernidade: a saída das ruas como processo de criação de novas formas de vida na atualidade.** 2006. 244 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade São Marcos, São Paulo, 2006.

PASTORINI, Alejandra. **A Categoria “Questão Social” em Debate.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2007. Coleção questões da nossa época, v. 109.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. Um Breve Olhar da Sociologia à Educação. In: ALVES, Cecília Pescatore; SASS, Odair (Orgs.). **Formação de Professores e Campos do Conhecimento.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, p. 171-191.

PRATES, Jane Cruz; REIS, Carlos Nelson; ABREU, Paulo Belmonte de. **Metodologia de Pesquisa para População de Rua: alternativas de**

enfrentamento do Poder Local. **Revista Serviço Social & Sociedade**, n. 64, ano XXI, nov. 2000, p. 135-164.

SILVA, Maria Lucia Lopes. **Trabalho e população em situação de rua no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2009.

TOURAINÉ, Alain. **Crítica da Modernidade**. Petrópolis, Vozes, 2002.

VIEIRA, Maria Antonieta da Costa; BEZERRA, Eneida Maria Ramos; ROSA, Cleisa Moreno Maffei (Orgs.). **População de Rua: quem é, como vive, como é vista**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1994.